

FLECHAS DE FOGO

COLETIVO LIBERTÁRIO DE APOIO AOS POVOS AMERÍNDIOS**QUEM SOMOS**

A Por solidariedade, para além das palavras, caminhamos ao lado dos povos originários, que lutam pela vida em geral, contra a máquina de morte civilizatória brasileira.

Saudamos todas as formas de dignidade incivilizada, todas as frentes de luta pela Terra e por liberdade, e nos inspiramos nos guerreiros e guerreiras que não se deixam corromper por acordos falidos e instituições autoritárias.

Solidariedade, ação e informação, força e consciência contra o genocídio dos povos ameríndios, esta é a proposta de ação do CLAPA.

Pelo bem das futuras gerações é o estadista civilizador e o capitalista progressista que por seu desejo destrutivo por poder que precisa ser combatido e exterminado.

O QUE É SER LIBERTÁRIO

Ser libertário quer dizer que por valorizarmos a liberdade não queremos governar nem sermos governados. Somos contrários a todas formas de autoritarismo e tirania. Por isso, admiramos a capacidade de alguns povos originários para serem contrários a desigualdade, e ainda assim estabelecer relações de poder simétricas entendendo a diferença não hierárquica como um valor.

Ser libertário é ser anarquista, ser contrário a toda forma de hierarquia ou instituição que busque se impor contra a liberdade dos povos. Entendemos que as hierarquias quase sempre descambam para o terror e a miséria que são característicos do mundo civilizado.

Ser libertário é ser anarquista. E é baseando-se em milhares de anos de experiência que o entendimento anarquista se forma. Anarquismo é a noção atualizada e consciente de que não é sinal de sabedoria confiar a gestão de nossas vidas e das vidas de nossos semelhantes a presidentes, políticos, generais ou empresários.

**COLABORE CONOSCO**

B Tem um entendimento libertário sobre fatos e questões relacionadas a temática indígena e a luta pela Terra? Sintetize em poucas linhas e compartilhe conosco pelo e-mail clapa@riseup.net.

Busca uma versão libertária de assuntos relacionados à questão indígena e à luta pela Terra? acesse www.clapa.noblogs.org ou [Clapa](#) [EmLuta](#) no Facebook.

PEC 215: O GENOCÍDIO LEGALIZADO

Desde os anos 2000 a Proposta de Emenda Constitucional 215 (PEC215) ameaça o futuro dos povos indígenas. No dia 28 de outubro esta lei criada para benefício dos ruralistas acaba de ser aprovada na Câmara dos Deputados, em Brasília. A PEC215 acaba com qualquer possibilidade futura de demarcação de terras para os povos indígenas, e ainda abre espaço para a revisão de ajuste constitucional implicando na perda de territórios já homologados.

Os processos de ampliação de áreas também se tornam inviáveis. A aprovação da PEC215 é a mais clara evidência de como o estado de direito funciona em benefício das elites ruralistas. Para iludir os indígenas criam-se direitos que seriam inalienáveis e sagrados, para no momento conveniente acabar com os direitos que propriamente não convêm aos interesses dessas elites.

Essa política genocida se dá em paralelo com a exterminação das nossas grandes florestas, seja em benefícios de multinacionais, seja em benefício de grandes proprietários rurais que atuam em nome de seu próprio “progresso”. Chega de manipulação! Chega de discurso pacificador e tranquilizador, passividade e submissão é morte! Somente autonomia, autodeterminação e autodefesa podem garantir a existência dos povos indígenas. Para a autonomia o único caminho é a luta!



MARCHAS CONTRA A PEC 215

Estão acontecendo marchas e bloqueios de ruas e rodovias por todo o Brasil desde a aprovação da PEC 215 na Câmara. Pesquise na internet o local e data dos próximos eventos! Participe das manifestações do dia 11 de novembro na sua região.

Cidades – Locais de concentração - horários

Belo Horizonte – Praça Sete - 17hs

Brasília – Torre da TV - 10hs

Porto Alegre – Esquina Democrática - 14hs

São Paulo – Paulista (MASP) - 17hs

Recife – Praça do Derby - 16hs

Rio de Janeiro – Aldeia Maracanã – 16hs



IMAGENS NESTA EDIÇÃO

A. B. e F. Guerreira kaiapó Tuíra demonstra a um tecnocrata da Eletronorte o que acontece aos inimigos de seu povo que planejam construir uma hidroelétrica sobre seu mundo ameaçando sua vida. (Altamira, 2 de fevereiro de 1989).

C. Treino de arco e flecha com a imagem de campanha da ministra Katia Abreu com a presidente Dilma (Brasília, 4 de dezembro de 2014).

D. Em memória ao genocídio dos Kaiowá Guarani, cinco mil cruzeiros são colocadas no gramado do Congresso Nacional [dos genocidas] (Brasília, 19 de outubro de 2012).

E. Com arco e flecha, guerreiro indígena enfrenta cavalaria da tropa de choque nas manifestações contra a Copa do Mundo (Brasília, 28 de maio de 2014)

G. Com sua criança no colo, Valda Ferreira, da etnia Sateré-Maué, é atropelada pela tropa de choque durante expulsão de terras (Manaus, 11 de março de 2008).



SENTINDO O LADO DO OUTRO

DOCUMENTÁRIO: 12min. Após o bloqueio de uma estrada, em um protesto contra as eternas mentiras (promessas) dos políticos, a comunidade Kaingang de Kandóia (RS) entra em confronto se com colonos locais.

Dois colonos sequestram um jovem kaingang, e acabam sendo mortos no enfrentamento.

Semanas depois, a Polícia Federal e representantes da FUNAI detêm cinco lideranças da comunidade em uma armadilha disfarçada de reunião.

Diante disso, uma mulher kaingang kujá (pajé), sonha com a mãe de um dos presos que pessoalmente não conhece, e decide viajar até Kandóia para dar consolo.

As perseguições, a montagem midiática e política que seguiram a estes acontecimentos. Uma resistência que se inscreve em uma cosmologia própria, onde o lugar dos conhecimentos dos kujá aparecem como motor para continuidade da luta.

SOLIDARIEDADE AOS KAIOWÁ

Proposta: Evento em solidariedade aos Kaiowá Guarani contra as políticas do genocídio produzidas pelo agronegócio e o Estado.

Anos após anos, os Kaiowá vem sendo assassinados por ruralistas, ainda que desterrados de suas terras homologadas, não se cansam de lutar, continuamente correndo perigo da morte. Há alguns meses Simião Vilhalva foi assassinado por pistoleiros a mando dos ruralistas, crianças e mulheres grávidas foram estupradas.

Atividade: Nos reunimos no dia 6 de novembro no instituto Parhesia para assistir videos sobre os Kaiowá na internet, e lemos seus relatos, com videos do aparato repressor invadindo terras indígenas, para proteger ruralistas e matadores de aluguel. Debateremos quais seriam formas de expressar solidariedade com os Kaiowá que vão além das palavras.

Ação: Fomentar frente de informação e solidariedade aos Kaiowá em círculos de relações, para envio de apoio efetivo.

"Com PEC 215 ou sem PEC 215 continuaremos a fazer as autodemarcações com apoio de nossos Aliados e, acima de tudo, de nossos Encantados e Ancestrais. Somos Abas Gwarinis Atãs (Guerreiros Fortes)". Casé Angatu, professor Tupinambá



TODOS FIRMES CONTRA O IIRSAA

Lançada em 2000 a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSAA), um programa conjunto de 12 estados da América do Sul para promover o avanço do capitalismo industrial no continente sul-americano, tem sido uma verdadeira hecatombe para os povos ameríndios. A construção de novas estradas, hidroelétricas, polos industriais e usinas nucleares vem ameaçando povos inteiros colocando em risco modos de vida milenares. A parte brasileira do IIRSAA recebeu que recebeu o nome de PAC (Plano de Aceleração do Crescimento) vem destruindo territórios indígenas e ameaçando culturas em muitos cantos do país. Nós somos contra o IIRSAA e o PAC por sabermos que tudo está sendo feito para enriquecer uns poucos em detrimento dos povos ameríndios e a vida na Terra. Em favor da autodemarcação, da autodefesa e da autonomia territorial indígena!

EM MEMÓRIA A AUGUSTO OPE E FRANCISCO ROKAG

No dia 31 de maio de 2014, Augusto Ope morreu aos 58 anos. No dia 17 de agosto de 2015 se foi também Francisco Rokág aos 53.

Ambos morreram com pouco mais de um ano de diferença, ambos se foram por conta do câncer, esta maldita doença que se alastra como epidemia pela civilização.

Em 1985 Augusto se envolveu na luta pela retomada da terra kaingang de Iraí, que então estava na mão de colonos ali assentados por décadas, pelas políticas antiindígenas do estado brasileiro. Francisco também lutou desde cedo e a luta o levou caminhar para reaver as terras roubadas de seus ancestrais em Porto Alegre, São Leopoldo ou Lageado, e outros lugares.

Augusto e Francisco lutaram com sabedoria, lembrando a história de seu povo e repassando seu conhecimento para os mais jovens. Nenhum dos dois se deixaram abater quando o câncer, a doença dos fôg tomou seus corpos. Seguiram lutando enquanto tiveram forças.

Tanto Augusto quanto Francisco são lembrados por seus amigos, yambré e rengré pela sabedoria tranquila e palavras fortes. Ambos lembravam de um tempo de seus ancestrais, quando a terra era fértil e havia abundância, lhes dava todo o necessário para uma boa vida.

Augusto, grande agente de saúde, denunciou em vida formas do genocídio a que seu povo foi submetido, os remédios dos brancos que fazem as pessoas adoecer, e a comida dos civilizados, que ao invés de nutrir, enfraquecem e podem matar.

Seu Chico, foi um sábio e grande gaiteiro que conhecia a vida na mata, um líder de seu povo. Francisco morreu também por conta do descaso racista com que são corriqueiramente tratados indígenas pelo sistema de saúde estatal do Brasil. Francisco Rokag recebeu um diagnóstico de tuberculose errado, e seguiu tratando essa doença por anos, enquanto era um câncer que o consumia.

Augusto Ope e Chico Rokág estão mortos, ainda assim suas pegadas seguirão vivas, chamando e levando outras gerações à luta.



SABERES ANCESTRAIS

O que nos ensinam os indígenas é antes de tudo relações. Vínculos com a Terra, que apesar de séculos de colonização seguem vivos. Vendo potência na "diferença", mostram que é possível afinidades e conexões sem necessidade de se possuir a mesma perspectiva. Somos capazes de nos fortalecer com a alteridade não-hierárquica aprendendo uns sobre os outros

SOBRE OS JOGOS MUNDIAIS INDÍGENAS

Civilizações sempre buscaram criar formas de distração para os povos subjugados para que não se revoltassem. Criar arenas para jogos há mais de 2000 anos é uma estratégia de guerra das civilizações. Os Romanos controlam os territórios que invadia obrigando os povos subjugados a frequentar as arenas, casas de jogos e coliseus que construía. Não foram poucos povos que caíram nessa armadilha civilizada.

Os jogos mundiais indígenas não são dos povos mas sim do estado brasileiro. É o estado que tenta encobrir sua intenção e legislação genocida com esses jogos. Querem que o resto do mundo veja com têm bem controladas e submetidas as populações indígenas que governa.

Buscam criar a ilusão de que todos os povos ameríndios estão satisfeitos, que foram atendidas todas suas demandas. Escondem o fato do Brasil estar adotando uma legislação que cada vez mais genocida e fascista que ameaça a existência das novas gerações.

A consciência nos diz para repudiar toda forma de distração estatal. Somos contra os jogos mundiais indígenas, e seguiremos sendo até que todas as demandas indígenas e quilombolas por terra e dignidade sejam atendidas!